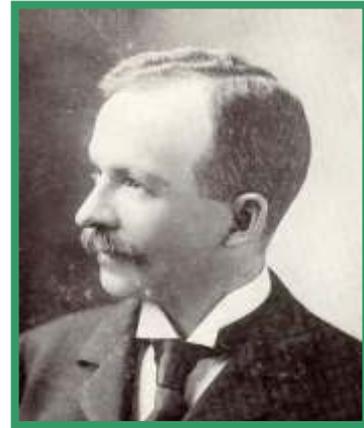


Charles Waddell Chesnutt



Os negros americanos estiveram escrevendo e publicando ficção por aproximadamente quatro décadas antes que a primeira história de Charles Waddell Chesnutt aparecesse no *The Atlantic Monthly*, em 1887. Mas Chesnutt é comumente considerado como o primeiro escritor negro a dominar o conto, produzindo ficção. Ele conseguiu, por toda a vida, construir uma reputação literária, como novelista e escritor de contos. Nascido em Cleveland, estado de Ohio, sua biografia primeiro reverte e depois re-encena os padrões dominantes que cobrem as migrações, dos negros americanos, do sul para o norte. Ele residiu na Carolina do Norte entre os oito e os vinte cinco anos, e penetrou profundo no folclore do Sul, o que mais tarde encontrou expressão literária em sua ficção. Trocou a Carolina do Norte, em 1833, por Nova York, aonde trabalhou como estenógrafo para a *Down Jones*, a agência de notícias econômicas. Finalmente, retornou para Cleveland onde, para o resto de sua vida, trabalhou como estenógrafo comercial e juramentado. Durante a parte mais preliminar de sua carreira de escritor, sua identidade como negro foi neutralizada. Walter Hines Page, editor do *The Atlantic Monthly*, quando suas primeiras histórias eram lá publicadas, acreditava que, se a condição racial do autor fosse tornada pública, prejudicaria seu trabalho, assim manteve o segredo por cerca de uma década. No *The Atlantic Monthly*, de maio de 1990, William Dean Howells publicou um artigo intitulado “*As histórias do senhor Charles W. Chesnutt*”. O tom do artigo refletia o que uma produção ficcional de negro significava para o público leitor de então, embora Howell sublinhasse que Chesnutt merecia louvor crítico por suas conquistas como artista, e não por razões de sua raça. Assim Howells escreveu:

Agora, todavia, é sabido que o autor dessa história (“The Wife of His Youth”) tem sangue de negro – diluído, é verdade, em tal medida que, se ele não admitisse sua origem, poucos haveriam de imaginar tal, mesmo assim

apenas uma parte desse meio mundo, que jaz próximo, embora completamente aparte, de nós mesmos. Desde que sua primeira história veio a público ele tem contribuído com muitas outras para estas páginas, e agora ele se oferece à crítica num volume denominado A esposa de sua juventude, e Outras Histórias da Linha da Cor; um volume de esquetes sulistas intitulado "The Conjure Woman" ; e a breve vida de Frederick Douglass, na série Bacon de Biografias... Mas, os volumes de literatura são notáveis acima de muitos escritores brancos por inteiro... Não é de seu conteúdo racial que desejaríamos, em princípio, falar a respeito, embora isto venha a pesar muito na crítica. É de forma muito mais simples e direta, como as obras de arte, que eles mostram seu encanto, e devemos assim permitir a força deste fato, independentemente que qualquer outro interesse. Chesnutt estudou direito e passou no exame da Ordem em 1887, com notas extraordinariamente altas. Todavia, nunca advogou, preferindo manter-se com a estenografia juramentada, que lhe rendia mais. De 1905 até sua morte, em 1932, Chesnutt não mais escreveu ficção. A Medalha *Outo Spingarn* lhe foi concedida em 1928, por *seu trabalho pioneiro como artista literário, apesar da vida e luta de um descendente de africanos.*

Nota: O original foi extraído do Projeto Gutenberg, que visa a difusão gratuita de material cultural de domínio público. A pequena introdução acima, foi retirada do livro *Black Voices*, de Abraham Chapman, livro comercial que pode ser adquirido pela Internet em livrarias tipo Amazon.com.

O PROCUSTO DE BAXTER

Charles W. Chesnutt

O Procusto de Baxter é uma das edições do Clube Bodleian. O Clube Bodleian é integrado por cultos cavalheiros interessados em livros e também em colecioná-los. Foi batizado, é óbvio, copiando a famosa livraria de mesmo nome², e não somente tornou-se, em nossa cidade, uma espécie de santuário para os adoradores locais de belos edifícios e edições raras, mas era visitada, ocasionalmente, por peregrinos de longe. O Bodleian agradou a Mark Twain, Joseph Jefferson e outras celebridades literárias. Ela possui uma impressionante coleção de lembranças de importantes autores, dentre eles um peso para papel que outrora pertenceu a Goethe, um lápis que pertenceu a Emerson, um autógrafo de Matthew Arnold, e uma lasca da árvore derrubada pelo senhor Gladstone. A sua biblioteca possui um bom número de obras raras, incluindo-se uma fina coleção sobre xadrez, jogo que fascina um grande número de sócios.

As atividades do clube, todavia, não se restringem a livros. Temos uma sede muito bonita. Ali, muito do bom gosto e rigor foi usado na sua decoração. Lá estão bons quadros, inclusive retratos de vários ex-presidentes, que decoram o saguão de entrada. Após os livros, talvez, o mais marcante caráter do clube é sua coleção de cachimbos. Numa grande prateleira, na sala de fumar – em verdade algo supérfluo, posto que fumar é permitido em todas as dependências –, encontra-se uma coleção de cachimbos que, pela sua variedade, não encontra, talvez, paralelo no mundo civilizado. Em verdade, constitui-se norma não escrita, a exigência de que, para candidatar-se a sócio, o proponente apresente um novo modelo de

- PROCUSTO ou PROCUSTES. Mitologia gr. Salteador da Ática, que despojava viajantes e torturava-os deitando-os num leito de ferro: se a vítima era maior, cortava-lhe os pés; se menor, esticava-a por meio de cordas até que atingisse as dimensões do leito. Foi morto por Teseu, que lhe aplicou o mesmo suplício.

²Biblioteca Bodleian, Universidade de Oxford, Inglaterra, fundada em 1602, por Sir Thomas Bodley.

cachimbo, que deve ser entregue junto com a proposta de sócio. Se é aprovado, o cachimbo junta-se à coleção do clube, ficando o novo sócio, todavia, com direito a posse. Uma vez por ano, no aniversário da morte de Sir Walter Raleigh³ que, como será lembrado, introduziu pela primeira vez o fumo na Inglaterra, todos os membros do clube, como regra, comparecem. Então, uma grande quantidade de tabaco é posta a disposição. Às nove horas em ponto, cada membro do clube retira seu cachimbo da prateleira, enche o forninho, e seguem, em procissão, ao presidente do clube, todos fumando impetuosamente. Vão de sala em sala, no piso térreo e no segundo andar, completando uma visita por inteiro à sede, retornando, ao fim, para a sala de fumar. O presidente, então, discursa e convida cada um dos membros para dizer algo, seja por meio de uma citação, ou manifestação própria, para elogiar as virtudes da nicotina. Concluindo a cerimônia — jocosamente conhecida como “descobrimo o cachimbo” —, os sócios limpam cuidadosamente o seu, e o depositam na prateleira.

Como disse antes, todavia, a *raison d'être* do clube, e a razão que o faz famoso, é a coleção de livros raros e, dentre estes, de longe, os mais interessantes são suas próprias edições. Mesmo seus catálogos constituem-se em obras de arte, publicados em edições numeradas, e procurados por literatos e colecionadores. Em seu alvorecer, o clube iniciou a ocasional publicação de livros que deveriam, contudo, atingir a um patamar estabelecido — livros em que a ênfase deveria recair sobre as qualidades que fazem uma obra ter valor aos olhos de um colecionista. No que concerne ao tempo, nada podia ser feito. Podia, sim, quanto à encadernação, fina e esquisita; papeis em linho feitos à mão, para páginas e capas, com grandes margens; e, com edições limitadas, o clube podia controlar suas publicações. A questão do conteúdo era, deve-se confessar, consideração de menor importância. De início, entendia o comitê editorial que nada, senão o melhor da produção da mente humana, deveria ser selecionado para seu entesouramento em belos volumes que o clube deveria editar. A extensão do trabalho era importante — matérias longas não casavam com largas margens e graciosa esbelteza. Por

³Sir Walter Raleigh (1552?-1618). Navegador, colonizador inglês que colonizou a Virginia e introduziu o tabaco na Europa.

exemplo, publicamos de Claridge⁴, *Velho Marinheiro*; um ensaio por Emerson e outro de Thoreau. Nosso *Rubáiyát*, de Omar Khayyám teve tradução, por Heron-Allen, do manuscrito original, existente na biblioteca Bodleian, em Oxford, a qual, embora menos poética do que a de Fitzgerald⁵, não era vulgar. Faz já muitos anos, iniciamos a publicar trabalhos de nossos associados. *Ensaio de Bascom, sobre Cachimbos* obteve performance muito confiável. Foi publicado numa tiragem limitada a cem exemplares e, uma vez que o trabalho não havia sido publicado em lugar algum, e foi feito o registro autoral pelo clube, tornou-se por isto raro e de valor. O segundo trabalho de casa foi o *Procusto de Baxter*.

Eu omiti dizer que, uma vez ou duas por ano, no encontro de que falei antes, promovia-se um leilão no Bodleian. Os sócios enviavam obras em duplicata, ou livros de que desejavam desfazer-se, por quaisquer razões. Eram então leiloadas pela maior oferta. Nessas vendas, bem concorridas, as obras editadas pelo clube eram as que lideravam os preços de oferta. Há três anos, o número três dos *Ensaíos de Bascom sobre Cachimbos* foi vendido por cinqüenta dólares, sendo que o custo original de publicação foi de um dólar e setenta e cinco centavos. Doutra feita, um cópia ainda não aberta do mesmo foi vendida por trinta dólares. No seguinte leilão, o preço de um exemplar aberto chegou a vinte e cinco dólares, enquanto outro não aberto foi *batido* a setenta e cinco dólares. O clube sempre emprestou valor às cópias fechadas, não aparadas, por seu apelo ser um verdadeiro endosso financeiro a valorizar grandemente a oferta. Essa valorização incidente sobre *Ensaio sobre Cachimbos*, recaiu também de forma simpática sobre outras publicações. O *Ensaio de Emerson* evolui de três dólares para dezessete, e Thoreau, sendo um autor menos lido, e, por sua confissão, de pouco sucesso comercial, conseguiu um alto valor. Os preços, assim permaneceram inflados. Uma vez que cada um dos sócios do clube possuía uma ou mais cópias dessas valiosas edições, todos tinham interesse em manter altos os preços. Todavia, a obra que atingiu os mais elevados

⁴Samuel Taylor (1772-1834). Poeta inglês que foi um dos líderes do Movimento Romântico. Com William Wordsworth publicou *Baladas Líricas* (1798), que contém "The Rime of the Ancient Mariner," seu poema mais conhecido.

⁵O *Rubáiyát* de Omar Khayyám, de Naishapur, foi traduzido pelo poeta inglês Edward Fitzgerald, 50, que colocou em inglês gracioso as quadras e versos rimados do astrônomo e poeta do século 12.

valores, mas que, num segundo exame, mais cauteloso, vê-se que poderia ter naufragado todo o sistema, foi o *Procusto de Baxter*.

Baxter foi, talvez, o mais erudito membro do clube. Graduado em Harvard, viajou extensamente, leu amplamente, e, embora não fosse um colecionador entusiasta como alguns dentre nós, possuía uma boa biblioteca como nenhum homem de sua idade, na cidade, possuía. Tinha 35 anos quando se associou, e, aparentemente, uma experiência amarga, algum desapontamento no amor ou ambição — deixaram marcas sobre seu caráter. De cabelos finos, ondulados, tez clara e de olhos cinza, poder-se-ia esperar ser Baxter de temperamento afável, com tendência para prolixidade. Mas, embora tivesse ocasionais lampejos de humor, seu comportamento padrão era caracterizado por um brando cinismo, o qual, com sombria filosofia pessimista, tão afastado do temperamento que deveria acompanhar seu tipo físico, pode ser creditado apenas a hipótese de algum sofrimento secreto como sugeri antes. O que poderia ter sido, ninguém sabia. Ele tinha posses e posição social, além de ser um homem muito bonito. O fato de continuar solteiro aos 35 anos oferecia alguma base à teoria de um desapontamento amoroso, embora alguns amigos de Baxter, membros do clube, não tivessem condições de confirmar.

Ocorreu-me, de forma vaga, que talvez Baxter tivesse sido um autor fracassado. Que era poeta sabíamos muito bem, pois cópias datilografadas de seus versos ocasionalmente circularam dentre nós. Mas Baxter sempre demonstrou um profundo desprezo pela literatura moderna, sempre falou em termos de desmedida piedade para com os escravos da pena, que dependiam de um público indiscriminado para obter reconhecimento e subsistência — que ninguém jamais suspeitaria que ele aspirasse ver-se publicado, até que, como disse, ocorreu-me que a posição de Baxter com relação à edição pudesse ser vista sob o enfoque tanto da causa, quanto do efeito — que seu desprezo à publicidade pudesse facilmente surgir de sua incapacidade de atingir tal, e que não ter sido publicado pode dever-se a seu preconcebido desdém à popularidade vulgar que deve ser compartilhada com o pugilista ou o balonista do momento.

A idéia da publicação de o *Procusto de Baxter* não partiu dele, o que afirmo a bem da justiça. Mas ele havia falado com diversos companheiros a respeito do tema de seu poema, até que a idéia de que Baxter estaria trabalhando

em algo de valor disseminou-se entre os sócios. Ele, ocasionalmente, lia alguma passagem para um pequeno coterie de amigos, na sala de estar ou na biblioteca, — nunca mais do que dez linhas por vez, ou para mais do que cinco ouvintes —, e esses excertos deram, pelo menos a alguns de nós, o tema e o escopo do poema. Pelo que recolhi, o poema enquadrava-se à linha filosófica de Baxter. A sociedade era o Procusto que, como o antigo bandido grego, buscava qualquer pessoa e fazia por adaptá-la a um padrão preconcebido, geralmente para aquele ao qual era menos parecido. O mundo estava cheio de homens e mulheres que eram meras cavilhas quadradas fixadas em buracos redondos, e vice versa. Muitos casamentos eram infelizes porque os casais não se adaptavam bem. A religião, essencialmente superstição; a ciência, na sua maior parte, um pretenso conhecimento; a educação popular, apenas um meio de forçar o estúpido e reprimir o brilhante, de tal forma que todos os jovens das gerações que emergem devem enquadrar-se ao mesmo padrão comum, à uniformidade da democrática mediocridade. A vida tornar-se-ia tão monotonamente uniforme e tão uniformemente monótona, fazendo-se raro o que justificasse viver.

Foi Smith, creio, quem primeiro propôs ao clube que viesse a editar o Procusto. O poeta não parecia muito entusiasmado quando o assunto veio à pauta; ele se opôs por algum tempo, justificando que o poema não merecia ser publicado. Porém, quando lhe propuseram que a edição seria de apenas cinquenta exemplares, concordou. Quando eu sugeri, tendo em mente minha teoria secreta do insucesso de Baxter como autor, que a edição repousaria, apenas, em mãos de amigos, e que seria muito difícil um crítico hostil viesse a obter uma cópia, e mais, se a obra não atingisse sucesso sob o ponto de vista literário, a extensão do desastre limitar-se-ia ao tamanho da edição, Baxter ficou visivelmente impressionado. Quando o comitê literário, após algum tempo, decidiu solicitar, formalmente, a Baxter o privilégio de publicar o seu Procusto, ele consentiu, com evidente relutância, com a condição de que deveria supervisionar a impressão, encadernação, embalagem e a distribuição dos livros, apenas submetendo previamente ao comitê os manuscritos, e aceitando seus comentários sobre a editoração.

Os originais foram submetidos ao comitê literário. Tendo Baxter externado o desejo de que o poema não fosse lido em voz alta, na reunião do clube, como era de

costume, posto que desejava que o mesmo fosse tornado público, já embalado adequadamente, o comitê foi mais além. Confiando por inteiro no bom gosto e erudição de Baxter, com grande delicadeza, abstiveram-se mesmo de ler os originais, considerando-se satisfeitos com a exposição, por Baxter, em linhas gerais, do tema e alguns tópicos subordinados. Os detalhes da produção do livro foram todavia amplamente debatidos. O papel teria de ser de linho, de produção manual, originário das indústrias de papel Kelmscott; os tipos e rubricas em negro. A capa, que seria de escolha pessoal de Baxter, seria em verde escuro marroquino, e encadernação margeada por incrustações de barretes vermelhos de bobo, em marrom marroquino opaco. Baxter foi autorizado a firmar contrato com a gráfica e supervisionar o processo. Toda a edição, de cinqüenta cópias, deveria ser colocada, ao maior preço, em apenas uma cópia para cada sócio, com o resultado se destinando ao pagamento da gráfica. O saldo, se houvesse, ficaria na tesouraria do clube. Baxter receberia uma cópia, sob a forma de remuneração. Baxter estava inclinado a rejeitar, baseado no argumento de que o exemplar talvez valesse mais do que os dez por cento usuais, pagos ao autor. Dobrou-se, enfim, ao argumento de que receberia o exemplar do autor.

Enquanto o Procusto estava em estudos, alguém leu, numa das reuniões, nota publicada numa revista, informando que um exemplar selado da nova tradução dos *Sonetos de Campanella*⁶, publicado pelo Clube Grolier, havia sido vendido por trezentos dólares, o que impressionou muito aos sócios. Era uma idéia nova. O novo lançamento poderia ser enclausurado numa espécie de sacrário dos sacrários, que, se o colecionador desejasse, poderia ser posto a salvo da profanação de algum olhar vulgar ou depreciativo. O possuidor de tal tesouro poderia desfrutar a obra pelo olhar de sua imaginação, conservando, ao mesmo tempo, a glorificação de possuir algo inalcançável para outros. O comitê literário mostrou-se tão impressionado com a novidade que sugeriu-a a Baxter, com relação ao Procusto. Ele não ofereceu qualquer objeção — os sócios que desejarem receberiam suas cópias seladas, bastava informar ao autor. Eu enviei meu nome. Afinal, um bom livro é um

⁶ Tommaso Campanella, nome de Giovanni Domenico Campanella (1568-1639), filósofo italiano, nascido em Stilo, foi educado na Ordem dos Dominicanos.

investimento. A mais, se havia qualquer forma de aumentar sua raridade e, conseqüentemente, seu valor, não via porque perder a chance.

Quando o Procusto estava pronto para ser distribuído, cada subscritor recebeu sua cópia pelo correio, numa jeitosa caixa de papelão. Cada volume foi embrulhado num papel fino e transparente, porém muito forte, que permitia fossem visualizados os desenhos e os arranjos da capa. O número da cópia encontrava-se sobre o invólucro, cuja dobra estava firmemente amarrada, em cada extremidade, com um sinete em cera, contendo, como garantia de sua inviolabilidade, o monograma do clube.

No encontro seguinte do Bodleian muito se falou sobre o Procusto, e houve unanimidade na constatação de que, jamais antes, o clube havia editado um exemplar tão requintado. Por estranha coincidência, ninguém trouxe seu exemplar e os dois livros destinados ao clube ainda não haviam sido entregues, posto que, informou Baxter, o encadernador esmerava-se neles. Por indicação de um membro que não havia se inscrito para receber o volume, um comitê de três foi indicado para apresentar, no próximo encontro do clube, a crítica de o Procusto. Vi, com incerta ventura, meu nome ali incluído.

Para o fiel cumprimento de meu dever, tornou-se necessária a leitura de o Procusto. Com toda a certeza eu teria aberto o meu volume, não houvesse um dos leilões do clube se intrometido entre minha indicação e a data marcada para a apresentação da crítica. Nessa ocasião, uma cópia do livro, ainda selada, foi posta à venda e adquirida por um não subscritor pelo valor incomum de cento e cinqüenta dólares. Após este fato, na guarda de meus interesses, decidi que para examinar o conteúdo de o Procusto eu deveria valer-me de outra fonte, que não meu exemplar. Para não parecer interesseiro nada falei sobre minha cópia e não tentei o empréstimo. Fiz, sim, uma referência ocasional a Baxter, de que gostaria de ter acesso às provas de impressão, uma vez que, informei-lhe, desejava valer-me de algumas citações, quando da elaboração da minha revisão crítica. E que não desejava confiar meu exemplar a um tipógrafo apenas para isto. Baxter garantiu-me, então, mostrando pesar a toda prova, que, como as havia considerado de pouca importância, terminou queimando-as. A indiferença de Baxter a valores literários pareceu-me um pouco afetada. As tiras de provas tipográficas de Hamlet, corrigidas

manuscritamente por Shakespeare, teriam tido valor quase inestimável.

Na reunião seguinte do clube constatei que Thompson e Davis, que comigo integravam o comitê crítico, logo propuseram a questão de o Procusto, enquanto conversávamos na sala de fumar, e pareciam ansiosos por ouvir opiniões a respeito do trabalho de Baxter, presumo, baseados na teoria segundo a qual o sucesso da revisão crítica de qualquer livro dependerá, mais ou menos, do quanto reflita a opinião daqueles a quem se destina a releitura. Presumi que tanto Thompson quanto Davis haviam lido o livro — eles estavam entre os subscritores —, assim eu ansiava por saber o seu ponto de vista.

“Que você acha”, perguntei, “a respeito da passagem sobre Sistemas Sociais?” Eu havia esquecido de dizer que o poema, sem rimas, era dividido em partes, cada uma com um título adequado.

“Bem”, replicou Davis, pareceu-me um pouco cuidadoso, “não é exatamente *spenceriano*, embora se incline para o pensamento de Spencer; com uma leve deflexão rumo ao hengelismo, eu consideraria como a fusão harmoniosa do melhor dos filósofos modernos, com forte aroma baxteriano”.

“Sim”, disse Thompson, “o charme do capítulo reside nessa qualidade essencial. O estilo é uma emanção do próprio intelecto de Baxter — ele descreveu-se a si próprio no poema. Em conhecendo Baxter, podemos melhor apreciar o livro, e após haver lido a obra sente-se haver ficado muito mais familiarizado com ele — o verdadeiro Baxter”.

Baxter chegou enquanto desenvolvia-se esse colóquio, e permaneceu de pé, próximo à lareira, fumando em seu cachimbo. Não soube precisar, ao vê-lo, se o leve sorriso que ostentava vinha de prazer ou do cinismo. Era, sem dúvida, baxteriano, e eu já havia aprendido que o sentimento de Baxter, suas opiniões, não podiam ser identificados, apenas, por suas expressão faciais. Por exemplo, quando um filho aleijado do porteiro do clube morreu, Baxter comentou, para mim de forma despiedosa, que o pequeno diabinho, sem dúvida, estaria agora melhor, e que, mesmo o porteiro, havia se livrado de um fardo; e, apenas uma semana depois, o porteiro me confidenciou que Baxter havia pago uma custosa cirurgia, empreendida para tentar prolongar a vida do menino. Assim, abster-me de tirar conclusões sobre o sorriso enigmático de Baxter. Ele deixou a sala, ao ser visto, para meu alívio.

“ A propósito, Jones ” disse Davis, dirigindo-se a mim, “impressionou-lhe o ponto de vista de Baxter quanto à Degeneração?

Tendo ouvido, com freqüência, Baxter externar seu pensamento quanto à geral tendência de decadência da civilização moderna, senti-me à vontade para abordar seu ponto de vista de forma ampla e genérica.

“Creio”, respondi, “que ele está em harmonia com o pensamento de Schopenhaur, sem amargura; com Nordau, sem irreverência. Seu materialismo é o de Haeckel, apresentado com algo do encanto de Omar Khayyám”.

“Sim”, interrompeu Davis, “isto responde à estafante demanda de nosso dia — insatisfação com um injustificado otimismo (e exprime para nós a coragem da filosofia humana frente o desconhecido.

Eu tinha uma vaga idéia de haver ouvido algo como aquilo antes, nalgum lugar. Todavia, muito se tem escrito, a tal ponto que ninguém pode ter certeza de estar discutindo algum tema de importância, sem, inconscientemente, estar copiando, aqui e ali pensamentos e a linguagem de outrem. Citação, como imitação, é o grau mais alto da lisonja.

O Procusto, disse Thompson, para quem coube a crítica quanto à métrica, (é fraseado com linhas sonoras, de inesquecível melodia e sedução; e também tão proximamente interligado que dificilmente faria justiça ao autor citá-los. Para ser apreciado, o poema deve ser lido em seu todo (é tudo que direi em minha crítica. O que você fará com relação à apresentação gráfica, ele concluiu, dirigindo-se a mim. A mim caberia discutir a excelência técnica do volume sob o ponto de vista do especialista.

(A composição(, respondi judiciosamente, (está à altura de uma gema. O verde escuro da capa magnificamente confeccionada, as letras em estilo antigo inglês, o espesso papel em linho assinalam esta como uma das melhores publicações. A impressão por certo, o melhor de De Vinne (não existe nada igual deste lado do Atlântico. O texto, um belo, esbelto córrego, embrenhando-se graciosamente através da larga pradaria de suas margens(.

Por alguma razão eu tive de deixar a sala por alguns instantes. Entrei na sala de estar e quase colidi com Baxter, postado ao lado da porta, de frente para uma gravura de caça, presa à parede, com a imagem de alguém que ria com uma expressão de imenso prazer.

(Que cena ridícula(, ele disse. (Veja o velho e gordo peão com esse caçador magro! Eu aposto dólares contra rosquinhas doces de que ele não chegaria à primeira cerca!(

Aquele era um bom blefe, mas não me tocou. Sob a máscara de desinteresse Baxter estava, em verdade, ansioso para saber o que pensávamos de seu poema. Assim que postou-se naquela posição junto à parede, para que pudesse ouvir do que falávamos, sem causar-nos embaraços. Ele havia encoberto sua curiosidade por nossa apreciação, com simulado interesse pela estampa.

Na revisão crítica de o Procusto grande número de sócios compareceu, bem como diversos visitantes, dentre eles um jovem inglês, sobrinho de um dos associados, em sua primeira visita aos Estados Unidos. Alguns de nós o havíamos encontrado em outros eventos sociais, e por isso formara-se a idéia de tratar-se de um alegre e jovial rapaz, com exuberante espírito juvenil e uma ingênua ignorância das coisas da América, o que tornava suas opiniões

⁷ Theodore Low De Vinne, (1828-1914), editor americano, nascido em Stamford, Connecticut. Após 1908 a companhia ficou conhecida como De Vinne Press e era considerada como uma das mais importantes gráficas dos Estados Unidos.

agradáveis e, as vezes, divertidas.

Os ensaios críticos eram bem apreciados, se por um vago senão. Baxter mereceu nota alta por sua qualificação poética.

(Nosso irmão Baxter, asseverou Thompson, (não deve mais esconder seu talento num guardanapo. Essa gema, por certo, pertence ao clube, mas o mesmo cérebro que produziu esta excelsa emanção, pode produzir outras para iluminar e encantar um mundo reconhecido.)

(A visão de vida do autor(, disse Davis, (como se expressa nessas belas linhas, irá ajudar-nos a treinar nossos ombros para carregar o pesado fardo da vida, em trazendo para nossa realização as profundas verdades filosóficas que encontram fé na desesperança e prazer na dor. Quando estivermos em condições de lançar ao grande público, por inteiro, os pensamentos de que tivemos uma amostra, rezemos para que, pelo menos, um breve raio de sua fama recaia sobre o Bodleian, de quem jamais se poderá tirar o orgulho de poder dizer que ele foi um de seus membros(.

Iniciei então a destacar as belezas do livro, como verdadeira obra prima de edição. Eu sabia, das conversas com o comitê de publicações, a forma geral do livro, e pude, mesmo, ver a capa do livro através do papel que embrulhava meu exemplar selado. O verde escuro marroquino, assinalei, sumariando, tipifica a séria visão de vida do autor, como algo a ser suportado com paciência, como cabe. A encadernação, margeada por adornos de barretes vermelhos de bobo, sugere a farsa que o otimista ensaia, enganando a si próprio, considerando a vida como algo desejável. O intrincado trabalho de incrustação na encadernação, e seus tons misteriosos, indicam a ignorância em que nos mantemos do nosso passado e do nosso futuro e, mesmo, do que nos trará o dia que vivemos. As letras negras, com as iniciais da rubrica, significam o pessimismo filosófico iluminado pela convicção de que, no dever, o ente deve encontrar uma justificativa para a vida e uma esperança para a humanidade.

Impondo ao clube este exame, este trabalho, que se pode dizer, representa a razão pela qual o Bodleian foi criado, é, por si só, justificativa suficiente para sua existência. Se o Bodleian houvesse nada produzido até hoje, e, ainda, se nada mais fizesse, teria, enfim, produzido uma obra prima.

Havia uma cópia lacrada de o Procusto, que pertencia a alguém do comitê, depositada sobre a mesa onde eu estava, a qual apanhei e mantive em minhas mãos, usando o gesto para enfatizar uma de minhas assertivas, mas larguei-a em seguida. Notei, então, quando sentei-me, que Hunkim, o jovem inglês que nos visitava, sentado noutra lugar da mesa, apanhou o volume e o examinava com interesse. Quando a última crítica foi lida, e generosos aplausos se ouviu, Baxter mereceu, mesmo, aclamações:

(Baxter! Baxter! Autor! Autor!

Baxter manteve-se sentado num canto durante todo o processo de revisão crítica, e conseguiu muito bem esconder, me pareceu, sob sua máscara de cínica indiferença, a exaltação que, tenho certeza, estava sentindo. Mas, essa explosão de entusiasmo foi demais, mesmo para Baxter, ficando claro que ele lutava contra uma forte emoção quando levantou-se para discursar.

(Cavalheiros e camaradas do Bodleian, dá-me prazer desafetado (sincero prazer (o cuidado evidente com que o comitê leu os meus mal dotados versos e a acolhedora forma com que os colegas atrelaram meus pontos de vista sobre a vida e a conduta. Agradeço-os, uma vez e ainda outra vez; e, quando eu afirmo que cheguei ao meu limite, quero com isto pedir licença para nada mais dizer.)

Baxter sentou-se, e os aplausos se reiniciaram, até que foram, de chofre, interrompidos por uma repentina exclamação.

(Por Júpiter!(, bradou o jovem visitante inglês, ainda sentado à mesa, (que livro

extraordinário!(

Todos cercaram o jovem.

(Vejam(, ele clamou, segurando o livro,(seus companheiros disseram tanto sobre o tal livro que eu resolvi vê-lo com meu olhos. Assim, desamarrei o nó, abrir as folhas com um cortador de papel e encontrei então (nada, nem uma linha estava ali, acreditam?

Vazia consternação seguiu-se ao anúncio que em seguida provou-se verdadeiro. Todos sabiam, instintivamente, sem necessidade de maiores pesquisas, que o clube havia sido enganado. Na confusão resultante, Baxter escapou. Porém, mais adiante, foi recebido por um comitê, para o qual disse que ele havia sempre considerado livros lacrados, não abertos, como algo sem sentido, e que ele havia sido apenas curioso ao experimentar até que ponto as coisas iriam, e que o resultado final havia provado sua crença de que um livro em branco era tão útil a um colecionador quanto um que abrigasse a obra de um gênio. Ele se dispôs a pagar todas as despesas pela fraude, o Procusto, ou substituir as cópias em branco por exemplares com o texto, como quiséssemos. Por certo, após tamanho insulto, o clube não demonstrou interesse no poema. Foi-lhe permitido pagar as despesas e ele soube que seu pedido de demissão seria muito bem aceito. Ele nunca enviou a carta com o pedido, e, pouco tempo após, partiu para a Europa, o que ajudou, por sua ausência, a fazer o episódio morrer rapidamente.

No primeiro deguste da duplicidade de Baxter, muitos de nós abriram os volumes de o Procusto; alguns os devolveram pelo correio, com mensagens acres; outros os queimaram. Poucos sábios, entretanto, os mantiveram assim como os haviam recebido. Como essa iniciativa vazou, os verdadeiros colecionadores, dentre nós, entenderam que tinham a posse de algo singular, em termos de publicações.

(Baxter(, disse nosso presidente a um seletto grupo que com ele postava-se em volta à lareira, (era mais sábio do que imaginávamos ou do que ele, talvez, desejasse. O seu o Procusto sob o ponto de vista do colecionador é inteiramente lógico e pode ser considerado como o ponto alto da produção de livros. Para o verdadeiro colecionador o livro é uma obra de arte para o qual o conteúdo não é mais importante do que as palavras numa ópera. Fina encadernação é uma aspiração e, pelo seu custo, nada melhor poderia ter sido feito do que em o Procusto. O papel está acima de qualquer crítica. O verdadeiro colecionado ama as margens largas e o Procusto, sendo todo margem, mal toca o ponto morto da perspectiva. Quanto menor a edição, maior a cobiça do colecionador em adquirir um exemplar. Existem apenas seis exemplares não abertos e três cópias seladas, dentre as quais eu sou um dos afortunados proprietários(.

Após essa manifestação, não foi surpresa que, em nosso leilão seguinte, uma cópia selada de o Procusto de Baxter foi leiloado, em meio a espirituosa disputa, por duzentos e cinquenta dólares, o maior preço alcançado por uma única cópia de uma edição do clube.

Palácio do Planalto
3 andar, sala 6, 70.150.900

Egmar Dantas